

A Singular Numeração dos Bantús

Os chamados Bantús ou Bantos, indígenas de Angola, Moçambique e Nova Guiné que cultivavam a música, a dança e eram peritos na guerra, adoptavam um sistema de numeração muito interessante embora não fosse dos mais práticos.

Vamos apresentar rápidas indicações sobre a aritmética dos Bantús.

Até ao número nove só dispunham de dois cardinais que seriam "*urupum*" o um e "*okosa*" o dois.

Com esses dois numerais, os diligentes Bantús, por simples adição, formavam um número qualquer até nove, de acordo com um sistema invariável: o sistema aditivo.

O três, por exemplo, seria "*urupum okosa*", cuja tradução é imediata e não oferece dúvida: um e dois. Ainda para o três adoptavam a forma "*okosa urupum*", pois os Bantús, mesmo perdidos nas margens do Níger e sem ouvir os ensinamentos dos grandes matemáticos, sabiam que a adição é uma operação comutativa, isto é, que a ordem das parcelas não altera a soma.

Qualquer Bantú seria capaz de jurar por todos os seus Deuses que as formas "*urupum okosa*" e "*okosa urupum*" exprimem o mesmo número, isto é, são equivalentes.

O quatro já ia exigir uma repetição: "*okosa okosa*", forma bastante sonora que o Bantú adoptava para enunciar a grande verdade, que a soma de dois com dois é quatro e sempre quatro.

Ao avistar sete aves pousadas numa árvore, o caçador Bantú pensava num delicioso jantar com os seus amigos e, ao preparar as flechas, exclamava satisfeito: "*okosa okosa okosa urupum*".

A contagem acima de nove era muito complicada e o Bantú não precisava de se preocupar com cálculos numéricos.

Na verdade, a numeração Bantú era muito simples. Podia ser ensinada a qualquer pessoa, em *okosa urupum* minutos!